REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.os	Semest. 18 n.os	Trim. 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	-$-	-$-

8.º ANNO — VOLUME VIII — N.º 218

11 DE JANEIRO 1885

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

LISBOA. L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administador da empreza.

CHRONICA OCCIDENTAL

Os acontecimentos do Porto teem occupado n'estes ultimos dias a opinião publica, e mais do que ella os artigos politicos dos jornaes e as discussões do parlamento.

Apresentaram-se com certa gravidade no primeiro dia as noticias dos tumultos do Porto, mas essa gravidade já desappareceu, ao que parece, e se a *grève* dos carreiros continua, já não tem o caracter de violencia e de aggressão com que principiou.

A causa da *grève* dos carreiros foi o novo imposto que sobre os carros lançou a camara municipal do Porto, aos seus municipes já sobrecarregados com bom numero d'impostos.

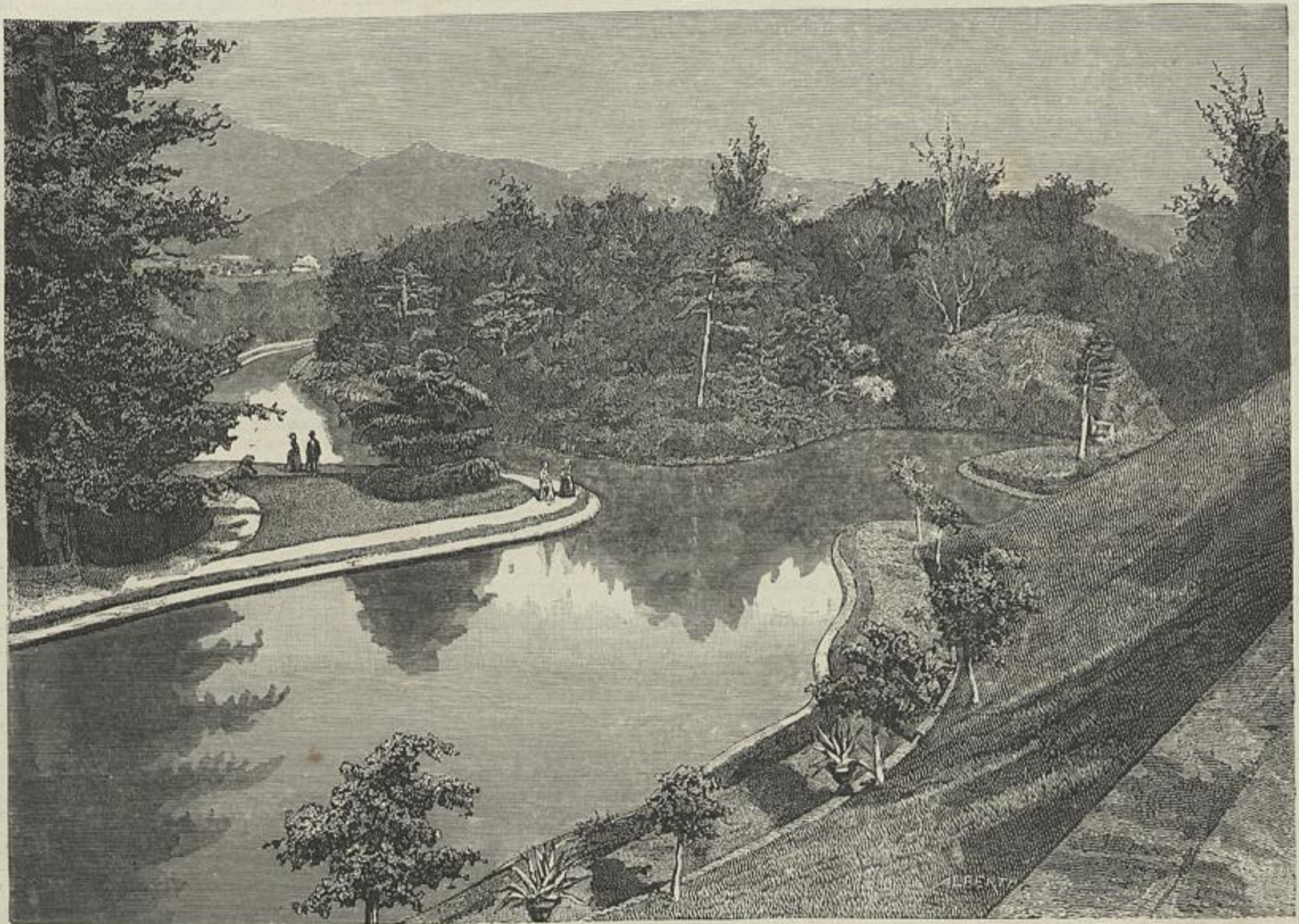
Parece que realmente este imposto é de mais, que vae pesar muito sobre classes que contribuem já com grandes impostos para a receita do estado, e que a camara do Porto, querendo apertar de mais a escravelha, rebentou a corda da paciencia do povo, corda que na provincia não é tão flexivel como na capital.

Nada d'isto porém justifica a *grève* e muito menos o caracter violento que ella logo tomou, demais a mais desde que d'esse imposto camarario estava já interposto recurso á Junta Geral do Districto, que nada resolvera ainda sobre o caso.

Tendo usado dos meios legaes, e não havendo ainda solução alguma nem pró, nem contra, os interessados andavam mal avisados appellando para a illegalidade e para o tumulto, mal avisados ou antes mal aconselhados, segundo a opinião d'alguns jornaes do Porto, que por estarem perto conhecem melhor a questão, e sabem promenores ácerca da origem da *grève,* que nós não podemos saber.

E depois os *grevistas* não se limitaram á sua *grève,* foram mais longe; foram até obrigar todos a acompanharem-n'os na illegalidade, e a obrigal-os por meios violentos, recorrendo á força, á paulada, á pedrada, para impôr a sua vontade áquelles, que tinham plenissima liberdade de ter a sua.

Fizeram um completo cerco ao Porto, os *grevistas,* quizeram obrigar pela fome toda a cidade a partilhar da sua opinião, a desposar a sua causa, o que é perfeitamente iniquo, conseguindo-se; o que é perfeitamente leviano, não dispondo nem de meios, nem de força para o conseguir.

No primeiro dia os *grèvistas* cercaram todos os pontos da cidade, e não só não levaram os seus generos ao mercado, como tambem impediram pela força que outros os levassem. Todos os vendedores que vinham para o Porto com hortaliças, leite, fructas, aves, eram intimados a retroceder, e se não obedeciam immediatamente, confisca-

ILHA DE S. MIGUEL — PARQUE NA PROPRIEDADE RECREATIVA DO EX.mo SR. VISCONDE DA PRAIA DE MONFORTE, NAS FURNAS
(Segundo uma photographia de Raposo)

vam-lhe os productos que levassem, e apupavam-os, e maltratavam-os.

E levaram ainda mais longe a sua violencia; levaram-n'a até pertubar a entrada de generos completamente alheios ao seu commercio, a entrada de bois, a entrada de todos os viveres, accentuando assim o seu programma de quererem render a cidade pela fome.

O resultado foi o que não podia deixar de ser e que os *grevistas* deviam ter previsto, com um bocadinho de bom senso.

Mal isto constou a auctoridade interveio, oppoz a força armada, á violencia dos *grevistas*, e oppôl-a victoriosamente como fatalmente havia de acontecer, desde o momento em que os *grevistas* não dispunham de elementos serios de resistencia: travou-se uma verdadeira batalha em torno do Porto, batalha triste de que resultou a morte de alguns dos amotinadores.

E a *grève* teve que recuar, os seus promotores dispersaram, e segundo as ultimas noticias no Porto e fóra do Porto reina perfeita tranquillidade tendo apenas os *grevistas* colhido da sua *grève* o triste resultado de ver morrer alguns dos seus companheiros, outros feridos e muitos presos tendo, que responder por um crime grave.

O governador civil do districto, o sr. Visconde de Guedes Teixeira, houve-se, segundo a opinião da imprensa portuense d'um modo muito cordato e prudente digno de todo o louvor. Não exacerbou os animos com violencias exageradas, nem animou os revoltosos mostrando medo ou tibieza: á petição que lhe foi entregue pela mesa d'um *meeting* que houve no Porto, no dia em que rebentou a crise, *meeting* que foi imponente pela sua seriedade digna e pela sua prudencia levantada, o sr. governador civil respondeu mandando suspender a execução do imposto sobre os carros até á resolução da Junta Geral do Districto.

E está por emquanto serenada a tempestade, esperando-se que esse imposto seja revogado, o que parece ser de perfeita justiça.

No primeiro dia, no domingo, os telegrammas que noticiavam a *grève*, fizeram impressão em Lisboa, essa impressão desvaneceu-se com os telegrammas que se lhe seguiram e com as informações particulares e circumstanciadas, e mesmo na camara dos deputados os tumultos do Porto não darão assumpto para grandes discussões, porquanto o governo nada tem que ver com o imposto, que é da inteira responsabilidade da camara municipal do Porto, e só tem que responder pelo uso da força armada, cuja intervenção ninguem pode combater dada a attitude tumultuosa dos *grevistas* e pela rasão simples de não poder servir d'arma politica de combate para a opposição, no momento em que a camara municipal do Porto, a responsavel pelo imposto, é quasi toda progressista.

Ao escrevermos esta chronica, fomos surprehendidos pela noticia da morte do jornalista o sr. Eduardo Tavares.

Surprehendidos, não dizemos bem, porque o estado do sr. Eduardo Tavares, de ha muito gravissimo, tornara-se desesperado ha muitos dias.

Era um jornalista vigoroso, um polemista violento, mas habil.

Paz á sua memoria.

Acabaram em S. Carlos as recitas da grande cantora a sr.ª Devriés, isto é, acabaram-se as noites mais deliciosas que temos passado no nosso theatro lyrico.

Na ultima noite o publico fez á sr.ª Devriés uma despedida enthusiastica, uma festa excepcional como o nosso theatro nunca tivera, o que foi profundamente justo, porque tambem elle nunca tivera uma artista como a Fidès Devriés.

E para ser em tudo grande essa ovação, nem sequer teve a parte ridicula da ovação na rua, que dá sempre uma nota extremamente comica ao enthusiasmo indigena.

A sr.ª Devriés correspondeu á ovação enorme que lhe fizeram os espectadores de S. Carlos cantando explendidamente, excepcionalmente, n'essa noite, todos os trechos que foram a sua mais radiante gloria em Lisboa, o 3.º e 5.º actos do *Fausto* e o 4.º acto do *Hamlet*.

O theatro de S. Carlos apresentava n'essa noite um aspecto surprehendente.

Aquella formosa casa de espectaculos achava-se com toda a sua belleza sob uma illuminação farta que enchia o theatro de luz e de alegria.

Dos camarotes, todos engrinaldados com camelias, violetas, flores, verdura, pendiam magnificas corôas, tendo desenhado em flores a inicial do nome glorioso da grande actriz.

Em todos os camarotes, pregados com rosetas de fitas das cores francezas, desdobravam-se uns bellos retratos de Fidès Devriés, desenhados por Columbano e Raphael Bordallo.

O palco tinha um aspecto festivo desusado. O camarim da sr.ª Devriés fôra ornado com uma elegancia primorosa e com riqueza do mais alto gosto artistico, pelo sr José Palha. Em frente do camarim tocava nos intervallos dos actos a banda da guarda municipal.

As scenas do jardim de Margarida e do 4.º acto do *Hamlet*, eram todas compostas de flores e arbustos verdadeiros, que faziam um effeito explendido, e davam ao scenario um tom de realismo a que não estamos habituados.

A sr.ª Devriés cantou a aria das joias, a canção do Rei de Thule, e todo o 4.º acto do *Hamlet*, em francez.

Não se descreve facilmente o enthusiasmo com que o publico victoriou a grande actriz, como menos facilmente ainda se podem descrever os prodigios de talento e de arte que Fidès Devriés espalhou prodigamente pela execução magistral da obra de Gounod e da obra de Ambroise Thomas.

E já acabaram as recitas d'esta cantora excepcional, que é possivel nunca mais ouçamos, mas que nunca mais esqueceremos.

O OCCIDENTE dará proximamente o retrato d'essa gloriosa cantora, registando assim, como é do seu dever, a passagem pela nossa terra d'essa grande celebridade do mundo lyrico moderno.

Os tremores de terra da Andaluzia continuam, com menos intensidade sim, mas continuam enchendo de terror e de miseria aquellas desgraçadas povoações, e enchendo de compaixão e de dó toda a Europa, que tem assistido a essa catastrophe unica nos nossos tempos.

A premanencia dos abalos de terra na Andaluzia dá-lhe um caracter especial de horror entre todos os grandes terramotos que tem havido nos tempos modernos, e faz prever aos sabios a proxima erupção d'um novo vulcão n'aquelle solo tão persistentemente convulcionado.

Esta previsão parece confirmar-se: um jornal de Sevilha noticiou ha dias o apparecimento d'um vulcão n'uma serra proximo de Granada, noticia que se não foi ainda confirmada, tambem não foi desmentida. É positivo que em Malaga as ruas tem aberto largas fendas e por algumas d'ellas tem brotado agua a ferver, e segundo a opinião d'outros homens de sciencia os tremores de Granada teem intima ligação com a apparição recente d'um vulcão no mar, vulcão cuja descoberta se fez ha pouco, por acaso, por occasião do lançamento do cabo telegrapho submarino.

Em certo ponto, na mesma linha onde apparece agora a terra extraordinariamente convulsionada, o cabo em chegando a determinada profundidade derretia-se, e este facto deu a conhecer a existencia n'aquelle ponto de qualquer erupção vulcanica.

As noticias circumstanciadas dos effeitos dos tremores de terra em Granada e nos arredores, começam a chegar agora, e são horrivelmente dramaticos nos seus promenores. Os jornaes diarios teem dado essas peripecias tragicas, á medida que as vão sabendo, e no fim de contas quasi que é desnecessario contal-as. Imagine-se tudo o que ha de mais horroroso no mundo, imaginem-se torturas esquecidas á inquisição, agonias esquecidas ao sombrio Inferno da edade media, e terão a situação nitida e terrivel d'esses desgraçados povos de Andaluzia.

E o terramoto é um d'esses males medonhos para que o homem não tem remedio. N'esses momentos supremos em que a terra que pisamos oscilla sob os nossos pés, em que a natureza mysteriosa e omnipotente, confunde a sabedoria humana com os seus segredos implacaveis e sinistros, não ha senão uma coisa para que appellar, para essa vontade superior e indicifravel que nos rege, para essa força occulta e colossal que nos governa, Deus, Providencia ou Acaso, como lhe queiram chamar, mas cuja existencia immutavel e eterna se manifesta clara e terrivel n'estes enormes cataclysmos, que em todos os tempos teem marcado sinistras epocas na historia do mundo.

Que essa força poderosa se compadeça d'esses infelizes povos de Andaluzia, que elle lhe dê a vida, o socego, a paz, a tranquilidade de que só ella dispõe.

Nós, pobres mortaes. nada podemos contra esse Deus ignoto e omnipotente, só podemos oppor á desgraça a prece, só podemos oppor á miseria a esmola.

Em Portugal como não podia deixar de ser, dada a caridade inata no nosso povo, dados os laços de sympathia que nos prendem aos povos nossos visinhos, os laços da commiseração que nos ligam a todos os infelizes, está-se operando um largo movimento de piedade e de philantropia.

Em todos os terras se promovem subscripções, se angariam soccorros para as victimas dos tremores de terra da Andaluzia, todas as corporações, todas as associações, todas as classes, obedecendo a um impulso expontaneo, se desentranham em esmolas para esses desgraçados que têm fome, que tem lucto, que tem miseria.

O "Occidente„ não abre subscripção mas tem sempre o seu escriptorio aberto para receber todas as esmolas com que os seus leitores e assignantes quizerem contribuir para minorar a enorme miseria que reina na devastada Andaluzia.

Pedimos uma esmola para os desgraçados andaluzes!

Gervasio Lobato.

AS NOSSAS GRAVURAS

ILHA DE S. MIGUEL

Parque na Propriedade de Recreio do ex.^{mo} sr. conde da Praia de Monforte, nas Furnas

A gravura que illustra a nossa primeira pagina, é copia de uma photographia que devemos á amabilidade do sr. A. J. Raposo, muito conceituado photographo, na Ilha de S. Miguel.

Representa ella um dos pontos de vista do magnifico parque do sr. conde da Praia de Monforte, na sua explendida propriedade de recreio, nas Furnas.

Do sitio das Furnas, já publicámos em o nosso IV vol., a pag. 20, uma gravura e artigo respectivo, e ali se descrevem as bellezas naturaes d'este aprasivel logar, e das suas excellentes aguas thermaes, que as possue de primeira qualidade e em grande abundancia.

Para falarmos agora da propriedade do sr. conde da Praia, apenas diremos que é uma das mais notaveis d'aquella ilha, situada precisamente no logar mais naturalmente favorecido, qual é o sitio das Furnas, e que o bom gosto do seu proprietario, ainda mais engrandeceu as bellezas naturaes, tornando aquella rica propriedade um pequeno paraiso terrestre.

O sr. conde da Praia, que nutre uma especial predilecção pelas artes, e que é um dos seus raros protectores, em Portugal, não poupou a sua bizarra fidalguia, para fazer da sua propriedade das Furnas, uma das coisas mais notaveis que ha para vêr na Ilha de S. Miguel.

A CONFERENCIA DE BERLIM

Como os nossos leitores terão visto pela nossa *Resenha Noticiosa*, e ainda mais pelas noticias diarias dos jornaes, reuniu-se no dia 15 de novembro ultimo, em Berlim, uma conferencia internacional de varias potencias coloniaes ou que se presumem coloniaes, para regular a navegação e commercio no Zaire, demarcar os limites occupados por Portugal, o principal senhor d'aquella região, e de outras nações que ali occupam pequenas extensões, como a França, Inglaterra e ultimamente a Allemanha, etc.

Essa conferencia tem prolongado os seus trabalhos de modo que, dizendo-se ao principio não excederia dos fins de dezembro, ainda hoje se reune e discute, annunciando-se que talvez ainda não termine no mez corrente, taes teem sido as difficuldades que de todos os lados se teem levantado para chegar a um accordo final.

Parece-nos mesmo que essas difficuldades difficilmente permittirão que a conferencia acabe em perfeita harmonia, sem quebra de dignidade para algumas das nações n'ella representadas.

Uma novidade singular já a conferencia nos deu, no reconhecimento da Associação Internacional Africana como potencia, o que não deixa de ser curioso, visto que se trata de uma sociedade anonyma que poderia mercadejar pretos ou outros quaesquer generos, que poderia industriar sobre qualquer ramo de trabalho, mas que transformar-se em potencia, entrando no congresso das nações com direitos como estas, é que verdadeiramente surprehende e espanta, tanto mais quanto são problematicas as boas ou más intenções d'essa associação com respeito á *civilisação* africana.

Vê-se que em tudo isto anda empenhado o rei do mundo de que nos fala Tolentino:

Tu tens o poder da força,
És o tyranno do mundo.

E de facto, se não fossem os milhões que andam compromettidos n'esta especulação, ninguem se importaria que os negros se civilisassem ou não, e o *humanitario* Stanley não andaria, qual procurador de causas perdidas, com tanto afan, receioso de effectivamente perder a causa.

As nações representadas no congresso pelos seus ministros e delegados são as seguintes:

Allemanha: o principe de Bismarck, presidente; conde de Hartfeld, ministro dos negocios estrangeiros; M. Busch, sub-secretario; M. Kuserow, conselheiro da embaixada.

Austria-Hungria: conde Szechenyi. embaixador na côrte de Berlim.

Belgica: conde Van der Straesen Ponthoz, ministro plenipotenciario; barão Lambermont, enviado extraordinario; M. Barning, director geral do ministerio dos negocios estrangeiros, delegado.

Dinamarca: M. de Vind, ministro plenipotenciario.

Estados-Unidos: M. John A. Kasson, ministro plenipotenciario; M. Sanford, delegado.

França: M. de Courcel, embaixador; Dr. Ballay, M. Desbuissors e M. Engelhardt, delegados.

Hespanha: conde de Benomar, ministro; Coello, coronel de engenheiros, delegado.

Inglaterra: Sir Edward Malet, embaixador; Robert, H. Meade, Percy-Anderson, Archer-Crowe, A. W. Hemming, delegados.

Italia: conde de Launay, embaixador; barão Negri, enviado extraordinario; M. Montegazza, senador, delegado.

Paizes-Baixos: M. Van der Hœven, ministro plenipotenciario; M. de Blœme, delegado.

Portugal: marquez de Penafiel, embaixador; Antonio de Serpa, enviado extraordinario; Luciano Cordeiro, secretario da Sociedade de Geographia de Lisboa, delegado.

Russia: conde Kapnist, enviado extraordinario; M. Dowrojirow, aggregado militar á embaixada da Russia em Berlim, delegado.

Suecia e Noruega: general barão de Bildt.

Turquia: Said-Pachá.

Estas nações reuniram-se em conferencia a convite do governo imperial allemão, e concordaram sob as seguintes declarações:

I O commercio de todas as nações gosará de uma completa liberdade:

1.º Em todos os territorios que constituem a bacia hydrographica do Congo e seus affluentes. Esta costa é delimitada ao N. pelas costas do Niari, Ogooué, Shire e Nilo; a E., pelo lago Tanganika; ao S., pela costa do Zambeze e Loge, comprehendo, portanto, todos os territorios regados pelo Congo e seus affluentes, incluindo o lago Tanganika e seus tributarios orientaes.

2.º Na zona maritima que se estende sobre o Oceano Atlantico, desde Setta-Camma até á embocadura do Loge. O limite septentrional seguirá o curso do rio que desemboca em Setta-Camma, e a partir de sua origem se dirigirá por E. até á juncção com a bacia hydrographica do Congo.

3.º Na zona que se prolonga a E. do Congo, como já estava limitada até ao Oceano Indico, desde o 5.º grau de latitude N. até á embocadura do Zambeze, ao S.; d'este ponto a linha de demarcação seguirá o Zambeze até 5 milhas acima do confluente do Shire, e continuará pela linha mais alta que serve de separação ás aguas que correm até ao lago Nyassa e aos tributarios do Zambeze, para demarcar finalmente a linha de separação das aguas do Zambeze e do Congo.

Ao estender á zona oriental o principio de liberdade de commercio, este principio não será applicado aos territorios que pertençam actualmente a qualquer estado independente e soberano, salvo quando a isso prestem consentimento. As potencias accordarão em empregarem toda a sua influencia junto dos governos estabelecidos no litoral africano do mar das Indias, a fim de assegurar a todas as nações, as condições mais vantajosas para o seu commercio.

II Todas as bandeiras, sem distincção de nacionalidade, terão livre accesso em todo o littoral dos territorios enumerados; aos rios que no mesmo lancem suas aguas no mar; a todas as aguas do Congo e seus affluentes, incluindo os lagos; a todos os portos situados nas margens das mesmas aguas, assim como a todos os canaes que de futuro possam ser abertos, com o fim de pôr em communicação entre si o curso das aguas ou lagos comprehendidos em toda a extensão dos territorios descriptos no artigo I. Poderão emprehender toda a especie de transportes, incluindo a cabotagem, nas mesmas condições que os nacionaes.

III As mercadorias de todas as procedencias importadas n'estes territorios, sob qualquer bandeira, quer sejam por via maritima ou terrestre, não terão que pagar outros tributos que não sejam os percebidos como equitativa compensação para as despezas proprias do commercio, e em igualdade de circumstancias dos nacionaes. Todos os direitos differenciaes ficam prohibidos, tanto para as mercadorias como para os navios de qualquer nacionalidade.

IV As mercadorias importadas n'estes territorios ficam livres de direitos de entrada e de transito. As potencias reservam-se o direito de decidir ao fim de um periodo de 20 annos se convirá continuar a manter a franquia de entrada.

V Toda a potencia que exerça actualmente ou de futuro direitos de soberania nos territorios mencionados, não poderá conceder n'elles nenhuma especie de monopolio ou privilegio em materia commercial. Os estrangeiros gozarão indistinctamente para a protecção de suas pessoas e bens, acquisição e transmissão de suas propriedades mobiliarias e immobiliarias, e para o exercicio de suas profissões, do mesmo tratamento e direitos que os nacionaes.

VI Todas as potencias que exerçam direitos de soberania ou influencia nos mencionados territorios, se compromettem a velar pela conservação da população indigena e pelo melhoramento das suas condições moraes e materiaes de existencia; a concorrerem para a suppressão da escravatura, e sobretudo do trafico de negros; outrosim, protegerão, sem distincção de nacionalidade nem religião, todas as instituições e emprezas religiosas, scientificas e caritativas, que tendam a instruir os indigenas e a fazel os comprehender as vantagens da civilisação. Os missionarios christãos, os sabios, os exploradores e suas comitivas, haveres e collecções, serão igualmente objecto de especial protecção. A liberdade de consciencia, a tolerancia religiosa, ficam garantidas tanto aos indigenas e nacionaes como aos estrangeiros. É livre e publico o exercicio de todos os cultos; o direito de erigir edificios religiosos e de missões procedentes de todos os cultos, não dependerá de approvação nem restricção alguma.

E' este o accordo sobre a liberdade de commercio no Zaire — liberdade completa, n'uma palavra —, em que teem sido postas de lado todas as restricções apresentadas por parte de algumas potencias, e em que a propria Inglaterra e a França, como as que depois de Portugal mais direitos alli tinham a manter, teem cedido terreno nas discussões que se teem levantado.

A nós parece-nos que n'esta questão todos andam enganados, e o futuro se encarregará de demonstrar o lado pratico do accordo feito na conferencia e o resultado das suas intenções.

Aguardemos o final da conferencia, e entretanto vamos registrando nas nossas paginas esta monstruosidade politica, gerada no seio da Allemanha, que teve por pae Bismarck e por parteira Stanley.

AS CANHONEIRAS «ZAIRE» E «LIBERAL»

Estes dois pequenos vasos de guerra, com que a marinha de guerra portugueza acaba de ser augmentada, foram construidos em Inglaterra, nos estaleiros de Laydrs.

São perfeitamente iguaes, medindo cada um d'elles 42^{m},60 de comprimento, 7^{m},05 de bocca e 5^{m},20 de pontal. Deslocam 604 toneladas.

Armam a lugre-barca com extrema elegancia, e se não se pode avaliar precisamente as suas qualidades nauticas e de andamento em condições normaes, porque a viagem que fizeram de Londres para Lisboa foi bastante acossada por mau tempo, poderemos ao menos dizer que são bonitas.

Cada uma das canhoneiras monta um rodizio de 6^{m},75 a meia nau, um outro mais pequeno no castello de proa e duas peças no convez.

Tem camara á ré para o commandante e officialidade, e todas as mais dependencias para o resto da guarnição.

A canhoneira *Zaire* já seguiu viagem no dia 16 de dezembro ultimo, com destino a varios portos do Brazil e Africa, sob o commando do sr. Augusto de Castilho, sendo Lourenço Marques o ultimo porto de escala.

Cabe aqui uma pequena observação que nos não soffre o animo calar, e é que, precisando o nosso paiz desenvolver todas as industrias possiveis, e tanto mais aquellas de que por tantos annos Portugal deu provas de que sabia fazer, qual a de construcções navaes, a ponto de outras nações virem aqui aprender, n'estes ultimos annos se tenha desprezado este importante ramo da industria nacional, resignando-nos com o estado de abatimento a que tem chegado o nosso arsenal, e preferindo o mandar fazer os navios ao estrangeiro, onde nos custam dinheiro da mesma fórma, além das gratificações aos officiaes que vão assistir á construcção, em vez de empregarmos esse dinheiro e fazer os sacrificios que essas despezas demandam, em desenvolver a actividade necessaria em o nosso arsenal, habilitando-o a fazer os navios que precisos forem.

Cremos que com isto todos lucrariam, e que esses sacrificios seriam muito mais productivos para Portugal, onde aliaz não faltam braços para o trabalho e onde não é indifferente que se dispendam avultadas sommas no estrangeiro, com grave prejuizo do trabalho nacional.

Ao esclarecido espirito do ministro que hoje rege a pasta da marinha, estamos certos que não terá passado desapercebido este facto, e por isso nutrimos a esperança que dentro em breve as construcções em o nosso arsenal da marinha tomem o desenvolvimento que devem ter n'um paiz maritimo e colonial, ao qual corre o impreterivel dever de velar muito especialmente pela sua industria naval, habilitando-a a poder produzir, ainda que para isso seja preciso ir buscar elementos estrangeiros.

BAHIA — PLANO INCLINADO PARA CARROS AMERICANOS EM S. ANTONIO DA BARRA

Entre os muitos melhoramentos publicos, realisados na cidade da Bahia, nota-se a applicação de transportes por meio de systema elevador, semelhante ao ultimamente introduzido em Lisboa pelo sr. Mesnier, e ao que funciona em Braga, para o Bom Jesus do Monte (1) desde 1882.

Na Bahia, desde 1868 que se acha fundada esta linha, porém ultimamente é que, sob a direcção do sr. commendador Theodoro T. Gomes, soffreu grandes modificações, aperfeiçoando-se o systema empregado para o descida e subida dos carros, com mais segurança, rapidez e commodidade para os passageiros.

As obras a que se procedeu, tiveram principio em outubro de 1882, e concluiram-se em janeiro de 1883.

Todo o movimento dos apparelhos é feito com segurança e suavidade; estão assentes em um tunnel de alvenaria, por baixo das linhas no alto plano, e são movidos por uma machina que fica no mesmo nivel e junto ao tunnel á direita de quem sobe.

Essa machina que é fixa e da força de oito cavallos, faz funccionar os apparelhos por meio de um eixo de aço, e tem um break que a faz parar instantaneamente, em caso de necessidade.

Este eixo é mantido por 4 mancaes de ferro forrados de bronze e aparafusados em grossos gigantes de ferro, presos ás muralhas do tunnel; gira entre os apparelhos, que são dois cylindros que servem para enrolar e desenrolar os cabos que puxam os carros.

Os cabos são de aço, e passando por um systema de rodas combinadas, põem em movimento os carros.

A nossa estampa representa o plano inclinado sobre que os carros giram, e é copia de uma photographia que devemos a obsequiosa offerta do nosso dedicado assignante, da Bahia, o sr. J. J. da Silva.

JOSÉ DIONYSIO CORRÊA

Na vasta galeria de portuguezes illustres, que o Occidente inaugurou e constantemente enriquece com retratos e biographias de quantos se tornaram dignos da estima e da gratidão da patria, apparece hoje a imagem d'um homem, cuja modestia o escondeu, em vida, aos applausos e á glorificação a que tinha jus, porém que a justiça social tem devidamente exaltado depois de morto, tanto mais desassombradamente quanto os elogios que se lhe tecem nascem da profunda convicção do merito incontestavel que os inspira, sem a minima sombra de lisonja ou de parcialidade.

Ha pouco mais d'um mez que José Dionysio Corrêa falleceu, e já a opinião publica, revelada pela voz potente e auctorisada de toda a imprensa do paiz e de nações estrangeiras, o proclamou benemerito e lhe conferiu a corôa que só compete aos que foram verdadeiramente grandes.

E grande foi Dionysio Corrêa no amor ao estudo; na pratica das virtudes domesticas; na esmerada educação que deu a seus filhos; na exemplar compostura de suas acções e palavras; na gentilissima delicadeza com que a todos tratava;

(1) Vid. Occidente vol. vii pag. 100, e vol. v pag. 101.

A CONFERENCIA DE BERLIM

na lealdade de caracter; na caridade com que acudia, quanto seus haveres lh'o permittiam, ás desgraças alheias, já defendendo de vinganças politicas os que, sem a sua protecção, d'ellas teriam sido victimas, nos ominosos tempos do absolutismo, já subministrando o pão do corpo e do espirito a mancebos pobres que lhe deveram a educação e as posições sociaes que depois occuparam, já inscrevendo-se em associações de beneficencia e dedicando-se-lhes de todo o coração.

Grande, e muito grande, foi no zelo e proficiencia com que desempenhou por muitos annos o logar de director da botica do hospital de S. José, de Lisboa, de professor de pharmacia na Escola Medico-Cirurgica, de vogal do Conselho de saude publica do reino, e de muitas e muito importantes commissões scientificas, que lhe valeram louvores nunca solicitados e distincções honorificas ainda assim inferiores aos seus merecimentos e serviços.

O facto, porém, que mais ennobrece e abrilhanta o nome de José Dionysio Corrêa, é, incontestavelmente, o ter fundado a sociedade pharmaceutica, uma das mais antigas, das mais uteis e das mais laboriosas sociedades scientificas de Portugal.

Não é este o logar proprio para historiar o abatimento a que chegara em Portugal a pharmacia, e os vexames que sobre os pharmaceuticos exerciam as auctoridades e as leis, quando n'este paiz raiou a aurora da liberdade.

Quebradas as algemas, abertos os carceres, derrubados os cadafalsos, facultadas aos pobres as escolas, que até alli tinham sido só para ensino dos protegidos da fortuna, desamordaçada a imprensa e estabelecido o reinado da justiça e da tolerancia, poude José Dionysio Corrêa realisar o pensamento que havia muito acariciava em segredo, nas compridas e tristonhas horas da perseguição e da vindicta, durante as quaes gemiam os homens honestos e livres, esperando resignados, como os antigos patriarchas, a vinda do Messias.

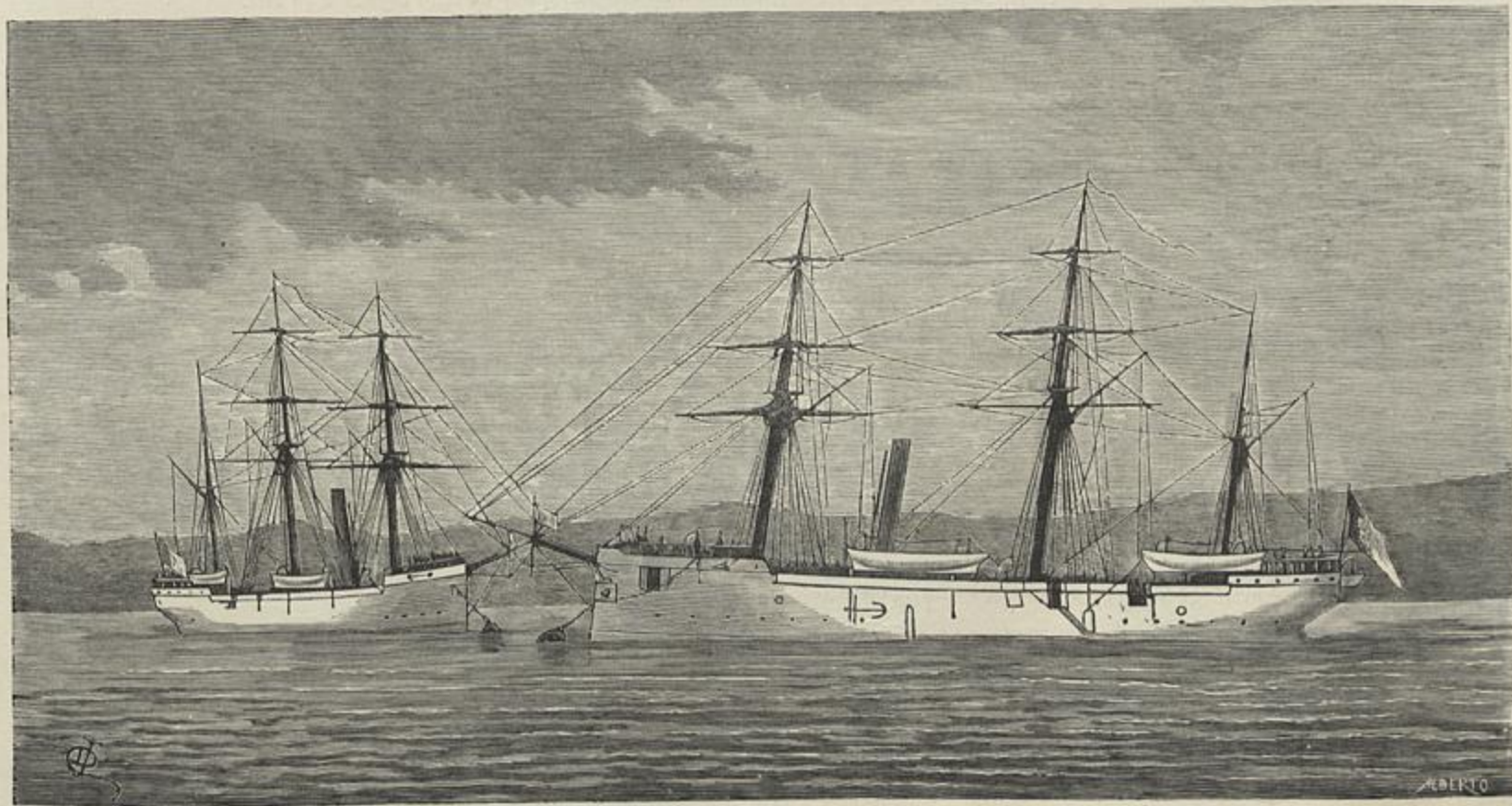
José Dionysio Corrêa (Segundo uma photographia)

Ainda uns se occupavam em curar as feridas e doenças contrahidas nas masmorras, e outros em abraçar suas familias, das quaes tinham vivido largos annos separados; ainda se escutava o troar do canhão e os estrondos da fuzilaria da guerra fratricida, que tão tristemente, para alguns, findou em Evora Monte; parecia ouvir-se o crepitar das fogueiras, onde expiaram o crime de serem liberaes tantos martyres, que relembravam, na sua intemerata coragem e serena resignação, os que, nos primeiros tempos do christianismo, sellaramcom seu sangue a doutrina nova, que ao mundo trouxera o mavioso Jesus.

No meio d'este movimento confuso, ao mesmo tempo risonho e sombrio, em que aos sorrisos de uns correspondiam as lagrimas de outros, e do qual havia de surgir uma era nova de luz, de progresso, de tolerancia, de perdão e de liberdade, José Dionysio Corrêa convocava os seus collegas de todo o reino, liberaes e miguelistas, e com fé ardentissima na efficacia do principio associativo, e por intuição, que mal se comprehende hoje, creou a Sociedade Pharmaceutica Lusitana, instituto destinado a promover simultaneamente o desenvolvimento da sciencia e illustração da classe, a pugnar sem treguas contra todas as prepotencias, e a combater todos os abusos introduzidos na pratica de uma profissão tão util e indispensavel.

Só quem conhece os grandissimos serviços prestados ao paiz, e á classe pharmaceutica por esta sociedade; a estimação, de que o Governo lhe tem dado repetidas provas em differentes epocas; a consideração, em que é tida pelos institutos scientificos estrangeiros, e a tenacidade com que tem proseguido no desempenho do lemma, que inscreveu no seu pendão, é que pode avaliar quão grande serviço prestou José Dionysio Corrêa, fundando-a e amparando-a durante cincoenta annos, sem um só dia deixar de lhe prestar serviços.

Desempenhou alli os cargos mais importantes; fez parte das mais importantes commissões; escreveu em quasi todos os numeros do jornal, que consta de cincoenta volumes; tomou parte em quasi todas as discussões; e conseguiu impôr-se sem constrangimento de vontades nem ardis da ambição ao respeito e amor de todos os seus collegas.

Conferiram-lhe estes o titulo, a nenhum outro concedido, de Presidente Honorario, e entregaram-lh'o n'uma das mais apparatosas sessões, que n'aquella sociedade se tem celebrado, sendo lido

MARINHA DE GUERRA PORTUGUEZA — Canhoneiras «Zaire» e «Liberal» (Desenho do natural por J. Dantas)

n'essa occasião perante numerosissimo auditorio um extenso elogio ao que soubera merecel-o, como poucos.

Ha muito o trabalhava uma fatal doença, a que succumbiu no dia 3 de dezembro de 1884.

Já quasi no paroxismo dictou a seu filho, para que as transmittisse á Sociedade Pharmaceutica, umas palavras, repassadas de ternura e de saudade, com que se despede de todos os confrades e lhes recommenda a continuação da sua obra.

Com estas breves e imperfeitas phrases, não se pretendeu fazer o elogio e muito menos a biographia do illustre finado, não tinhamos nem aptidão, nem tempo para tanto. Não faltará quem pague esta divida.

João José Sousa Telles.

OS CONFIDENTES

(Continuado do n.º 217)

Quinta da Lapa, quarta feira, á meia noite.

Meu caro Jorge:

Aqui estou exilado, ha oito dias, morto de tedio, e sem ter tido um momento de bom humor para te escrever. A vida da aldeia faz-me vegetal. Para que diabo me mandou o May Figueira tratar estas febres insignificantes com o ar do campo?! Póde curar-me das febres; mas vae matar-me com certeza de aborrecimento! E sabes tu que mais? Tenho immensas saudades de Lisboa, do nosso bom *whist* da meia noite, no terraço do Gremio, dos sorvetes do Martinho e das ceiatas do Augusto. Recordas-te da ultima noite que subimos juntos o Chiado? O que eu berrei contra Lisboa! Como cheguei até a faltar ao respeito á memoria do A. Herculano, por ter chamado a Lisboa — *rainha do Oceano,* nome, que, afinal de contas, é já de si uma injuria, porque parece o de uma barcaça de banhos do Tejo. Eu pedia a Deus todo o fogo ou toda a agua para arrazarem de vez a cidade; e, nas minhas indignações, deveria parecer o propheta irado, clamando, voltado para o céo, contra as impurezas de Sodoma!

Pois, meu Jorge, depois de tanta ira, de tanto odio, de tanta imprecação, sabes o que me acontece? Adoro Lisboa. Parece-te uma brincadeira; mas a verdade é que morro por Lisboa! Está-me succedendo o mesmo que acontecia a madame de Conti, aquella formosa madame de Conti, que era casada com um velho feio, revelho, feroz e ciumento. Uma vez que monsieur de Conti teve de ausentar-se, no momento de partir recommendou á mulher:

— Vou estar fóra alguns dias, minha senhora...

— Muito bem...

— Veja agora — continuou elle — se, na minha ausencia, se lembra de... me ser infiel.

Madame de Conti fez-se rubra de vergonha, e replicou altiva:

— Vá descançado, senhor. Só tenho vontade de o ser, quando o vejo ao meu lado.

E eu, só tenho vontade de injuriar Lisboa, quando lá estou; de longe, é este amor que vês!...

A minha quinta fica situada na encosta d'uma montanha. Das janellas da casa gosa-se uma vista soberba. É uma paisagem encantadora, toda cheia de verdura, de animação pittoresca, de casaes a alvejarem ao sol, de bois a pastarem sobre a relva, de passaros que cantam, de arroios que murmuram... Emfim, todo esse horror campestre, que os poetas fingem admirar! Eu confesso que detesto isto. De dia, como só me levanto ás 11 horas, bem passo eu, ora lendo os jornaes, ora pescando; depois do jantar, á tardinha, dou um grande passeio a cavallo... A proposito, o meu *Sultão* está famoso, e recommenda-se.

Quando chega a noite, é que são ellas! A unica pessoa com quem converso é o meu velho cazeiro, um pobre homem que já era creado d'esta casa no tempo de meu avô. Esta reliquia archeologica conta-me historias dos francezes, quando estiveram em Portugal, historias verdadeiras, que parecem phantasticas, entremeiadas de historias phantasticas de almas do outro mundo que parecem verdadeiras. Imagina tu a conversa com um leitor da Historia da Invasão e dos contos da Anna Rachdliffe!

Vê tu se te dispões a vir até aqui. Traze-me um raio de civilisação. O supplicio supportado por dois deve ser menos penoso.

Adeus, meu caro Jorge. Tem piedade d'este anachoreta, e manda-me duas garrafas de cognac Henessy e um frasco d'agua de tilia, de Godefroy.

Teu affectuoso amigo
Bernardo.

Sexta feira, ás 2 horas da noite.

Continúo esta carta, depois do intervallo de dois dias. A aldeia mudou um pouco d'aspecto. Já aqui se vê gente christã. Acabo de chegar de casa do Henrique de Meirelles, que vem passar algumas semanas com a filha ao seu solar da Ribeira. Elle encontrou-me hontem na estrada, quando eu recolhia á Lapa, e obrigou-me a ir jantar comsigo. Quiz ir fazer uma *toilette* um pouco mais cuidada; mas elle não o permittiu, dizendo-me que me não recebia em sua casa, se eu fizesse ceremonia. Era uma tyrannia, mas não havia meio de lhe fugir.

— Você até fica mais bonito com este fato de flanella branca — dizia-me elle, puxando-me pelo braço.

No caminho, ainda pude colher d'um vallado uma rosa muito fresca, que espetei na lapella.

— Permitte-me pelo menos este luxo, amigo Meirelles?

O Meirelles levou a sua longanimidade até ao extremo de permittir aquelle adorno.

Na Ribeira encontrei a filha, a tia Dorothea, e um padre Joaquim, velho capellão da casa.

Declaro-te, Jorge, que passei muito agradavelmente o dia. O Meirelles é um amphytrião classico; a D. Dorothea, com os seus caracoes brancos sob a touca de renda preta, o seu vestido escuro e as suas mitennes pretas, tinha o aspecto sympathico e bondoso d'uma tia adoravel de romance inglez. O capellão é um sacerdote minhoto, sem ter as mãos delicadas do *abbé Gelon,* mas sem cheirar á charrua como o padre *Brice.*

Resta-me, agora, falar-te um pouco da Helena. Nunca tinha reparado bem n'esta rapariga. Ou porque nos bailes a reunião de muitas meninas nos não permitta fazer um juizo seguro de cada uma, de modo que, no dia seguinte, apenas nos resta uma impressão muito vaga e passageira; ou porque, realmente, a etiqueta da sociedade obrigue a uma certa discripção, que até certo ponto occulta as verdadeiras qualidades das pessoas: — o certo é que da Helena de Meirelles não tinha nunca formado uma idéa precisa. Agora, porém, mudo de opinião. Tratada directamente, durante algumas horas, pareceu-me uma excellente rapariga. E' galante e instruida sem pregar estopadas de *blas-bleu.* Conhece que é intelligente, e, por isso, é muito senhora do seu nariz e da sua opinião.

Palavra d'honra, Jorge, acheia-a sympathica. Isto não quer dizer que esteja apaixonado; mas, francamente, a sua convivencia é muito agradavel. E depois tem uma qualidade que eu adoro: é teimosa como o diabo!

Não se desfaz d'uma idéa ao primeiro argumento. Discute, insiste, teima até ao fim. Deliciosa! Queres que te diga tudo: é um anjo, que lê e medita bons auctores.

Quando sahi da Ribeira, e me vi sósinho por aquellas azinhagas tristes da aldeia, fui pensando n'ella. Entrei em casa, recolhi-me ao meu quarto, e estive até de madrugada sem poder dormir, meditando na solidão da minha vida. O diabo da rapariga!

Olha que isto que te digo não é para suppores que estou namorado. Longe d'isso, Jorge. A verdade é esta: agradou-me a *flirtation,* e nada mais, graças a Deus!

Sabes que faço já 30 annos em outubro! Trinta annos! Que horror! Como a velhice cruel se aproxima de mim, pintando-me de branco alguns cabellos... Mas, deixemos estes pensamentos lugubres. Conta-me o que se faz por Lisboa. Se fôres a Cintra, lembra-me aos amigos, e ama lá muito, por ti e por mim. Depois, vê se tens a misericordia de adoecer tambem, e de vires fazer-me companhia. Passaremos as noites a cavaquear, passearemos a cavallo, iremos á caça, e, uma vez por outra, se te não desagradar, iremos fazer a partida ao Meirelles. Agrada-te o programma? Póde ser alterado, como os dos espectaculos do Colyseu, se as circumstancias o exigem...

Adeus, Jorge. Estou a ouvir cantar uma cotovia; e, por isso, retiro-me d'esta carta tão saudoso, como Romeu se retirava da varanda de Julietta.

Perdôa a massada e o estylo; e não te esqueças do meu *cognac* e da tilia.

Teu
Bernardo.

(Continúa) *Alberto Braga.*

O PAPÁ GILBERTO

(Concluido do n.º 217)

VII

As questões de moralidade

Terminado o jantar, que foi um tormento para os pés de D. Perpetua, em razão do mano Manuel a estar pisando, sempre que alguma coisa desagradavel lhe feria os ouvidos; os noivos muito escarlates, mas sem de nenhuma maneira se mostrarem offendidos, despediram-se dos padrinhos, pedindo licença para se retirarem.

— Então nem esperam para o chá?

Bem fartos de dar chá estavam elles.

— Não, não... agradecemos muito...

— Comprehendo... exclamou de uma maneira bregeiramente intencional, Gilberto.

E inclinou-se ao ouvido de ambos, dando-lhes ao mesmo tempo de cotovello, disse-lhes baixinho:

— Teem já pressa de encommendar o segundo... maganões!

Elles não responderam, e o alferes enfiou, indo muito indignado dizer á sogra, que o portuguez do tio Gilberto não era mais decente do que o francez dos filhos.

*

Esse francez torna-se um verdadeiro flagello para Gilberto.

Chegára a tentar por vezes receber algumas lições do edioma da moda, mas o triste esbarrava com o terrivel adagio de que, burro velho não aprende linguas, e ficava-se na mesma.

Quando os filhos estavam com os condiscipulos e queriam vêl-o pelas costas, nem era preciso que encetassem uma conversação qualquer, bastava uma phrase:

— Je vous demande pardon?

— Eh! bien.

E elle ahi se punha logo a andar.

Por disfarce trauteava a gavota; outras vezes quando não tinha vontade de cantar, gemia com os calos.

As coisas chegaram ao ponto d'elle não ter em casa com quem fallar, porque a unica pessoa que poderia attendel-o, D. Perpetua, essa em chegando á noite estava logo a dormir.

Da filha casada fugia porque estava sempre com exigencias de dinheiro para o valdevinos do marido.

Uma vez ao passar-lhe proximo da porta do quarto, ouvio elle, o biltre, dizer á filha estas palavras, que nunca lhe passaram da guélla:

— «Vê lá se o *teu velho* me larga alguns cobres, porque eu já ando sem vintem, e se isto continua assim, faço por ahi *uma baralha* dos diabos!

Fingiu que não tinha ouvido nada, e foi-se andando nos bicos dos pés para não ser presentido. Ha muito que dera n'aquelle systema de se fazer surdo.

Saber calar é uma virtude. Gilberto desde que casara a filha, e depois de ter posto em estudos mais superiores os filhos, começára a purificar-se para o reino dos ceus, propriedade exclusiva dos pobres de espirito.

Ralava-o aquella designação de *meu velho,* não porque lh'a desse o genro, pois que d'elle já acceitava tudo como castigo dos seus peccados, mas, porque tambem os filhos nas palestras com os outros rapazes, não sabiam tratal-o de outro modo.

Gilberto espantava-se de que fossem estes os fructos que da apregoada questão magna devessem colher os chefes de familia bem intencionados e affectuosos como elle houvera sido sempre, mas não se queixava, porque um resto de consciencia lhe dizia lá no intimo uma coisa que afinal o fazia córar.

Architectos da Batalha e dos Jeronymos

(Continuado do n.º 214)

II

Porque o fim de qualquer obra d'arte, — poema, opera, romance, templo, quadro ou sculptura, — é tornar evidente, distincto, dominador, eterno, indestructivel um dado *character notavel* e digno de menção. Esse *character* produz-se em meio da Natureza e é filho do concurso de causas naturaes; graças ao valor proprio, impõe-se desde logo; mas ha sempre um certo numero de circumstancias que o contrariam, hostilisam e tendem a empanar-lhe o brilho e a obstar-lhe ao desenvolvimento com maior ou menor intensidade. Tal qual como um talento possante, capaz de produzir muito e muito bem, mas que umas tantas causas esterilisadoras impedem de manifestar-se por completo, açaimam, asphyxiam e acabam por annullar. Para que esse *character notavel* não perca porção alguma da sua notabilidade, antes se apresente immaculado e lucido no seu pedestal de gloria, é que o artista intervem.

Toma conhecimento d'elle; pela sua delicada e sympathica sensibilidade, pela sua imaginação nervosa e original, pela sua capacidade elevada e grandiosa de comprehensão, rodeia-o de todas as harmonias concordantes, desbasta-o das hostilidades que o prejudicam, adelgaça-o, limpa-o, abrilhanta-o, eleva-o... e deixa-o assim para sempre exposto á contemplação reverente da posteridade. Quantos mais elementos convergentes e harmonicos o artista congraçar na sua obra, tanto mais o *character*, que elle pretende pôr em evidencia, se tornará *dominador*.

A Arte eleva por selecção; expõe conglobando. Por isso o artista ha-de ter sempre com o objecto, que se propõe eternisar, intimas affinidades ethnographicas e chronologicas. Todo o facto, moral ou material, a fixar n'uma obra d'arte verdadeira, é sempre *actual* e proximo em relação ao seu creador. Camões, impressionado pelas glorias nacionaes do seu tempo, escreveu um poema de primeira ordem, d'onde transparece todo o enthusiasmo do cyclo das descobertas. Ao contrario, Racine, pretendendo stenographar na tragedia o modo de ser dos grandes personagens da antiguidade biblica e pagã, não fez mais do que retratar os requintes de polidez e galanteria, o phraseado campanudo e frio, a banalidade apparatosa e ôca do seculo de Luiz XVI. Ao passo que *Adamastor* é um symbolo, *Nero* não passa de um cortezão.

Dadas estas condições geraes de producção das obras de arte, como querer que um extrangeiro viesse a Portugal insculpir-lhe em pedra o character dominante?

Absurdo!

Ao tempo de 1500, nem da França, toda preoccupada em fortalecer o principio da realeza, nem da Italia, fraccionada por inteiro em luctas intestinas, nem da Inglaterra, dividida pela guerra das Duas-Rosas, nem da Allemanha, embrenhada em altas combinações de enlaces principescos, podia vir um extrangeiro que prompto comprehendesse e assimilasse o meio social portuguez. Era impossivel. Só um portuguez de nascença podia crear a maravilha dos Jeronymos, synthese em marmore do *nosso character dominador;* como só tambem um portuguez poderia escrever o poema de Camões.

Para a clara avaliação d'estas delicadas coisas da Arte não basta consultar velhos manuscriptos; é mister reportarmo-n'os ao Ideal. A leitura difficil dos codices d'outro tempo, como obriga a aproximar muito a vista do pergaminho, limita na mesma proporção o campo da visão distincta; obsta á comprehensão vasta e synthetica da obra no seu conjuncto. Depois de lidos os documentos com os olhos, é mistér ler a obra d'arte com a alma. Depois de colher, infeixar; depois de investigar, comprehender. Uma obra d'arte verdadeiramente notavel é como uma creança mimada e egoista, que açambarca sem recurso todos os disvellos e attenções. Só os parentes d'aquella pelo meio, como os parentes d'esta pelo sangue, a podem affeiçoar.

Um exemplo, bem recente ainda, d'esta verdade: — a edição de luxo dos *Lusiadas,* por Emilio Biel. Execução typographica primorosa (era o mais facil); porém a execução artistica, as estampas originaes feitas na Allemanha, uma desgraça! Aquellas figuras, aliás correctas e bem agrupadas, não teem propriedade, não teem ar, não teem character; parecem manequins.

III

O argumento do sr. Brito Rebello que Boutaca não podia ser nacional, porque o nomeiavam pelo appellido e não pelo nome proprio, como é estylo portuguez, não prova nada, é forçoso confessal-o. Vemos os artistas antigos nomeiados indistinctamente por uma e por outra forma: pelo nome proprio mais, é certo; mas muitos tambem pelo appellido. Bastará apontar, entre outros, os pintores do seculo XVI, Vasco, Figueiredo, Reynoso, Vanegas, Campello, e o Vieira do seculo XVIII. Alguns mesmo, como Gonçalo, Diogo e Antonio Gomes, não vêem designados só pelo nome, — o que os differençaria muito bem, — mas pelo nome e o appellido ao mesmo tempo; o que prova que havia tendencia da parte do publico para os tratar simplesmente pelo appellido, e que o nome apenas foi ali ajuntado, por terem o mesmo appellido todos tres. Se um d'elles só houvesse existido, por exemplo o primeiro, teria sido *mestre Gomes,* simplesmente.

Boutaca era com certeza mais que mestre do officio: era architecto, além de mestre de carpinteria e de pedraria. Prova-o, não só a circumstancia de vir sempre na cabeça dos róes semanaes da féria, mas ainda o de dirigir uma escola de artistas, tal qual como Affonso Domingues na Batalha.

Não posso egualmente admittir, como assevera o meu illustre censor na mesma pag. 192, que ha falta de harmonia externa na obra dos Jeronymos. Senão, vejamos a fachada lateral, que olha para o Tejo.

Ao meio um grande corpo central, occupado por um portal ancho e duas amplas janellas; um e outros flanqueiados por grossos e rendilhados botareus. Para lá d'este corpo central, a um e outro lado das duas janellas grandes, dois corpos mais estreitos e um pouco salientes, cada um tendo rasgadas duas janellas pequenas, na mesma vertical. D'estes dois corpos, o do poente está todo construido; o do nascente foi comido por uma superabundancia do cruzeiro, evidentemente já não construido em vida de Boutaca, e portanto segundo alteração do risco primitivo.

Essa tola excrescencia do cruzeiro, esse alastramento deploravel, vieram cortar ostensiva, mas não realmente, a symetrica harmonia da fachada. O cruzeiro propriamente dito devia ficar saliente, sim, mas para lá do tal inchaço criminoso, e formando parelha com o corpo saliente opposto, e construido, destinado a supportar uma das duas torres.

Ao cruzeiro seguir-se-hia, estreita e recolhida, a capella-mór.

A harmonia lá estava portanto, cortando-a antinomicamente as muralhas impenetraveis e refeitas da obra de Castilho, bem como essa torre-cartonagem impossivel, imaginada por Cinatti.

(Continúa) *Abel Acacio.*

RESENHA NOTICIOSA

THOMAZ ANDRÉA. Falleceu no dia 3 do corrente o sr. Thomaz José de Sousa Soares Andréa, capitão de mar e guerra e commandante do couraçado Vasco da Gama. Era um dos mais distinctos officiaes da nossa armada, um perfeito marinheiro experimentado na sua longa carreira de marinha, em que prestou assignalados serviços á patria. Em o vol. VII do OCCIDENTE, a paginas 13, publicámos o seu retrato, e a paginas 11 a sua biographia, e folgamos de ter prestado esta homenagem em vida ao valente capitão, que por tantos titulos se tornou digno da admiração e respeito dos seus concidadãos.

CAMINHO DE FERRO DE MORMUGÃO. Foram construidas em Inglaterra trez locomotivas para este caminho de ferro, na India portugueza, as quaes receberam o nome de Ormuz, Diu e Gôa.

CARTA HYDROGRPHICA. Foi ordenado pelo ministerio da marinha, para que um dos officiaes da estação naval de Moçambique seja encarregado de completar a carta hydrographica de Lourenço Marques.

CAMINHO DE FERRO DE LOURENÇO MARQUES. A companhia concessionaria d'esta linha ferrea já fez o deposito de 67:500$000, conforme a clausula do seu contracto, e organisou a sua direcção em Lisboa, a qual está a cargo dos srs. Joaquim Pires de Sousa Gomes, engenheiro, e João Burnay.

Tinha outras vezes certos impetos de desespero, e recordando-se dos seus tempos, do respeito com que, já barbado, beijava a mão ao pae e offerecia humilde a face ao castigo sem tratar de discutir a justiça com que lhe era imposto, enchia-se de animosa resolução e levantava a voz para dizer tambem alguma coisa na sua linguagem châmente portugueza e desataviadamente franca.

Mas tapavam-lhe logo a bocca os rapazes.

— O papá não percebe d'isto, calle-se.

— Mas no meu tempo... voltava insistindo

E elles em ar de troça:

— O seu tempo já lá vae, pertence á historia; é um condemnado que as gerações vão julgar á luz da sciencia e dos factos, perante o grande tribunal da consciencia humana!

Cada uma d'aquellas palavras, sonoras, retumbantes, deixava-o intimamente convencido de uma coisa pasmosa, e é que vinha a ser os seus rapazes no dar á lingua, eram, senão eguaes, pelo menos muito parecidos com o José Estevão.

Este prodigio abysmava-o, achatava-o.

Perante a sua ignorancia, emudecia.

Outras vezes vinham para a casa de jantar os filhos *reinar* com elle para divertirem os condiscipulos.

Ignobil espectaculo.

E Gilberto prestava-se á *troça* dos rapazes na melhor boa fé, e teve uma occasião a descoberta extraordinaria de mais dois reinos, tratando-se de sciencias naturaes: — o reino do sol e o reino da lua!

Pasmoso!

N'essa occasião o vadio do genro quiz até agarral-o á unha.

Gilberto ousou dizer-lhe sem se alterar:

— Ora quem ha-de falar?! Um ignorantão d'estes que não sabe aonde tem a mão direita!

— Pois olhe pae, voltou-lhe insolentemente o mariolão, não foi com a canhota que vocemecê me conheceu.

Felizmente só elle podia perceber a insolencia da allusão, e, para evitar maior escandalo, Gilberto achou prudente retirar-se.

Aquelle genro só duas vezes lhe deu um momento de satisfação: a primeira, foi quando o meretissimo juiz, em policia correccional, o mandou para a cadeia seis mezes; a segunda, quando morreu, por effeito do coice de besta manhosa, como se o animal quizesse mostrar intelligentemente, que não estava disposto a ser montado por individuo da sua especie.

Quanto aos filhos, Gilberto teve a satisfação de os vêr a todos uns sabios muito falados nas folhas e conhecidos da boa roda, mas o que nunca pôde conseguir, foi extinguir o *deficit* que ia cada um d'elles criando de anno para anno, tal qual como agora acontece ao governo da nação.

Ás vezes, dizia-lhes:

— Fama sabem vocês ganhar, mas dinheiro não lhes vejo geito.

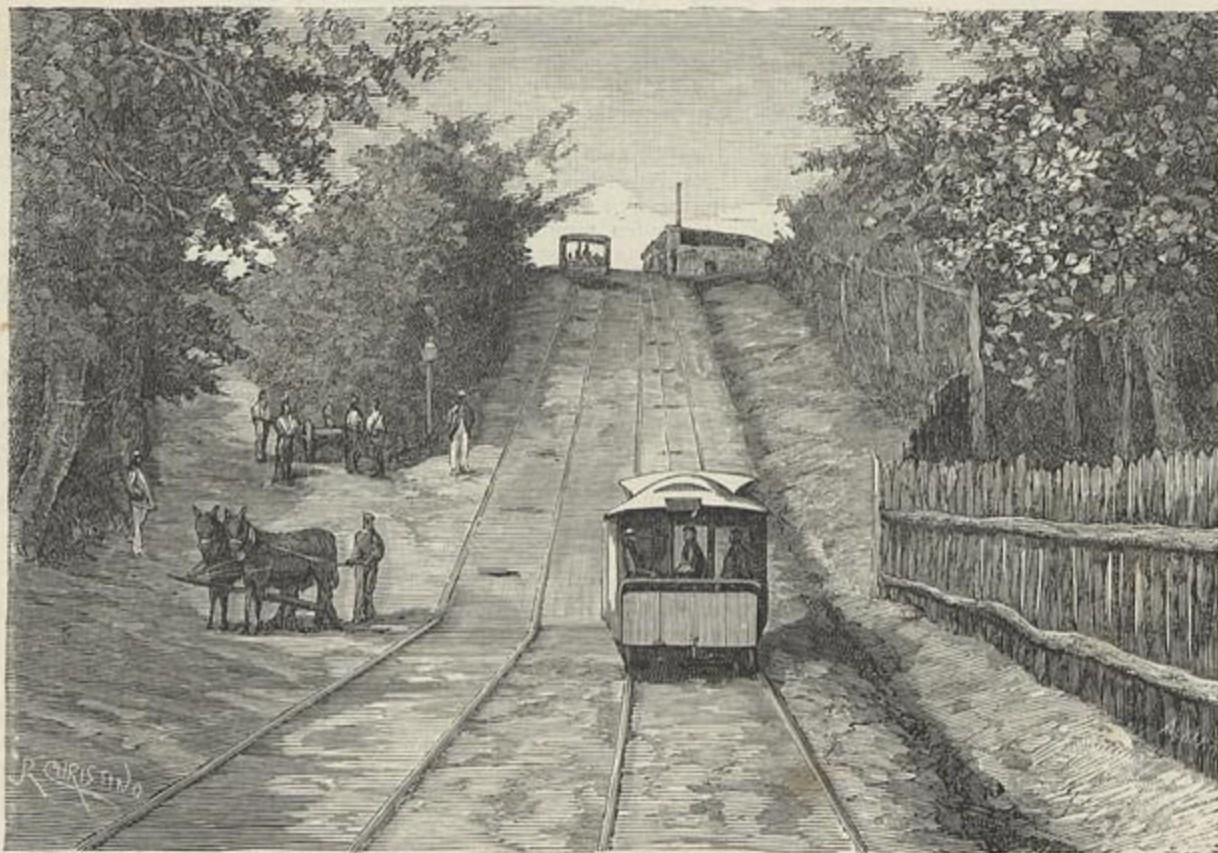
Ao que voltavam os biltres petulantemente:

— Où il n'y a rien, le roi perd son droit.

E fossem lá atraz d'elles! O pae Gilberto, não, que deitou logo a fugir.

Os demais promenores póde o leitor imaginal-os a seu paladar, porque, o que fica escripto, é a monographia de uma familia em plena Maria da Fonte e não uma ficção accommodada ás convenções da arte de entreter as velhas solteiras, nos ocios da incorregivel besbilhotice, ou de commover até ao nó matrimonial as meninas donzellas.

Agora a continuação fica ao mesmo leitor a liberdade de a procurar, seguindo os filhos de Gilberto desde a Havaneza até ao palacio de S. Bento, e d'ahi ao labirynto das secretarias de estado, os quaes Gilbertos symbolisam esta geração de pedantes que para ahi fervilha. Asseguramos-lhe que a encontrará e não menos ridicula, não menos immoral, não menos verdadeira que a parte descripta no quadro que desenrolámos, como simples retalho do sudario das nossas miserias. E terá então o gosto de conhecer mais de perto uma geração de tolos aperfeiçoada.

Leite Bastos.

BAHIA — Plano inclinado dos carros americanos, em Santo Antonio da Barra (Segundo uma photographia)

Idrac. Os jornaes de Paris dão-nos a noticia da morte d'este notavel esculptor, que produziu, entre outras obras, as estatuas de *Mercurio*, de *Salambô* e a estatua equestre de *Etienne Marcel*.

Attentado real. Segundo noticias de Londres, deu-se alli ultimamente um novo attentado contra a vida da rainha Victoria. Este facto demonstra bem que no seio da Inglaterra se agitam grandes descontentamentos, que o seu explendor não pode occultar, e que denunciam uma decadencia politica já muito pronunciada. O povo que procura no assassinio as suas reformas politicas, deshonra-se a si proprio e deshonra as suas aspirações.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

O Brinde, gerente proprietario Marianno Silvestre de Jesus, numero unico, Lisboa, 1884-1885. É extremamente sympathico o fim d'esta publicação, que reune ás bellezas de uma collaboração litteraria muito distincta, o ser destinada a soccorrer os pobres pescadores de Caparica, que perderam o pouco que tinham no incendio que devorou aquella povoação. A primeira pagina do *Brinde* é illustrada com um dezenho de Sanhudo, feito com espontaneidade, representando um pobre pedindo esmola. O custo d'esta publicação é de 60 réis. Quem deixará de concorrer para tão humanitario fim?

Almanach da Empreza Litteraria, para 1885. Um delicado brinde que a empreza offerece aos seus assignantes. É um especimen typographico em que ha paginas muito bem combinadas, sendo algumas adornadas de gravuras.

O Cosinheiro Completo ou O Mestre dos Cosinheiros, editor Antonio Maria Pereira, Lisboa, 1884. É muito recommendavel este livro, que interessa tanto aos que se dedicam á difficil arte culinaria como ás boas donas de casa, que muito convém saber dirigir a alimentação de sua familia. Depois, um bom mestre de cosinha importa uma grande economia, porque o grande segredo da cosinha tanto consiste na boa escolha e combinação das refeições, como em saber aproveitar os comestiveis, tornando a cosinha variada sem augmento de despeza. É tudo isto que o *Cosinheiro Completo*, editado pelo sr. Antonio Maria Pereira, em decima segunda edição, ensina, abrangendo ainda as especialidades de copeiro, confeiteiro e licorista.

Vasco da Gama, editor David Corazzi, Lisboa, 1884. E' o n.º 10 das *Biographias de homens celebres nos tempos antigos e modernos*, illustrado com seis gravuras. Estes livrinhos pela sua belleza e modico preço, são uma verdadeira bibliotheca popular, em que se vulgarisa o conhecimento dos homens que mais se teem distinguido pelos grandes dotes da intelligencia, e pelos serviços á humanidade.

Ilha Graciosa, *Descripção historica e topographica*, por Antonio Borges do Couto Moniz, etc. Angra do Heroismo, 1884. O titulo confirma plenamente o livro, que effectivamente é a historia minuciosa d'esta perola do Oceano. O auctor deve ter tido muito trabalho para reunir tantas noticias dispersas pelos archivos, dar-lhes ordem e fórma, organisando um bello livro que nos elucida sobre tudo que diz respeito á ilha Graciosa, desde a sua descoberta até hoje, dando conta da população com seus usos e costumes, flora e fauna, estructura do terreno, administração, instrucção publica, commercio, industrias, etc., juntando um grande numero de documentos e uma carta topographica. Aqui deixamos a indicação de mais um livro util aos estudiosos, e se em cada concelho de Portugal houvesse um homem que se desse ao trabalho que o sr. Couto Moniz teve para fazer este livro, seriam outros tantos subsidios para a historia e que muito facilitariam o conhecimento historico e chorographico de Portugal.

Os Naufragios Celebres, por Zurcher e Margollé, versão de Maximiano Lopes Junior, Magalhães & Moniz, editores, Porto. Que de sensações extraordinarias não proporciona a leitura d'este livro, a quem percorrer as suas paginas com o interesse e curiosidade que despertam os grandes dramas passados entre o ceo e o mar; as luctas desesperadas dos homens contra o poder dos elementos, que elles não podem subjugar; o estar entre a vida e a morte, com todas as agonias da desesperança; os tremendos perigos que teem rodeado tantos ousados navegadores, para os quaes não bastou a furia das tempestades, os desvios das derrotas, senão tambem as astucias dos ladrões do mar ou piratas, illudindo os navegantes a ponto de fazerem encalhar os seus barcos em costas solitarias, para depois os roubarem. Todas estas peripecias que formam o grande drama da vida do mar se acham historiadas no livro de que nos occupamos, com toda a verdade das tradicções e dos documentos, que relatam os naufragios mais celebres. N'um paiz maritimo como o nosso, cremos que muito deve interessar leitura d'este genero.

As Maravilhas Celestes, *Leituras da Noite*, por Camillo Flammarion, traducção de Alexandre da Conceição, editores Magalhães & Moniz, Porto. Camillo Flammarion é hoje um nome tão conhecido do publico illustrado, pelos largos estudos que tem feito sobre os phenomenos celestes, que qualquer livro firmado pelo seu nome nos attrahe irresistivelmente, porque antecipadamente sabemos que elle nos vae falar d'esses milhões de mundos que se suspendem por sob nossas cabeças, e que nos vae falar com a proficiencia comprovada das suas observações, com o enthusiasmo do homem da sciencia que vem expôr em publico o resultado das suas descobertas, fructo de constante trabalho e dedicação, explicando muito claramente a razão natural de tantos phenomenos, que até hontem se conservavam no mais denso obscurantismo. Quem conhece, repetimos, os trabalhos de Camillo Flammarion, que tem a verdadeira paixão da sciencia dos astros, que tem a idea fixa da possibilidade de um dia se poder devassar completamente a lua, o seu sonho dourado, para o qual não pouparia os thesouros do mundo se os tivera á sua disposição. Para quem conhece, pois, o affamado homem de sciencia que firma este livro, escusado é recommendar a sua leitura, porque já todos o devem ter no seu gabinete e ter lido com toda a attenção e curiosidade interesseira, que inspira o desejo de conhecer o maravilhoso. Para os que ainda ignoram a existencia d'este bello livro, ahi fica o aviso, e estamos certos de que nos agradecerão a noticia.

O Elegante, jornal de modas para homens, dedicado particularmente aos alfayates. David Corazzi, editor, Lisboa, 1885. Sahiu no dia 1 de janeiro corrente o n.º 19 d'aquella revista de modas masculinas, com que o sr. David Corazzi ha dois annos iniciou em Portugal este genero de publicações, genero que não existia em lingua portugueza, e que não tem deixado de prestar um bom serviço á sociedade elegante e aos alfayates tanto de Portugal como do Brazil. Publica-se com extrema regularidade todos os mezes.

Diccionario Universal Portuguez Illustrado, director Fernandes Costa, editor Henrique Zeferino de Albuquerque, Lisboa. Tem continuado regularmente a publicação d'esta importante obra, a qual se acha publicada até ao fasciculo 73. Este diccionario é o mais desenvolvido que até hoje tem apparecido, completando-se com gravuras explicativas.

Typ. Elzeviriana — Praça dos Restauradores, 50 a 56 — Lisboa